

A INSENSATEZ DE UM GOVERNO NO FIM

por Mário Soares

Passos Coelho fala com grande frequência mas a verdade é que muda muitas vezes de opinião. Agora, resolveu dar um novo mandato ao presidente do Banco de Portugal, quando já se sabia que não tinha qualquer sentido fazê-lo. Sabe portanto que foi, mais uma vez, uma insensatez. Mas, por isso mesmo, gostou de a fazer...

Nicolau Santos, um jornalista que tanto admiro e de quem sou amigo há muitos anos, escreveu no Expresso, no passado dia 30 de Maio, um texto brilhante sobre o Banco de Portugal, intitulado "BdP: a legalidade e a falta de bom senso", cito: "O convite de Passos Coelho a Carlos Costa não devia ter sido feito. Mas tendo sido feito, não devia ter sido aceite".

Aliás, o Primeiro-Ministro e a ministra das Finanças, que se preza em dizer coisas contraditórias, como o seu chefe, consideraram o governador do Banco de Portugal, depois de tudo o que se passou, com condições para renovar o seu mandato, "por mais cinco anos". Fizeram-no de forma insensata e o mais grave é que sabem bem que assim é...

Todos os portugueses sabem que este Governo está no fim e que o Presidente da República, que sempre protegeu Passos Coelho, e que, continuando a fazê-lo, apoiou o agendamento das eleições legislativas para o mais tarde possível, sendo a data limite 14 de Outubro.

Essa mesma insensatez está também presente no escandaloso processo de privatização da TAP. Para o Governo, o que lhe interessa é vender a qualquer preço, não lhe importando o facto de a TAP ser hoje - e ter sido sempre no passado - um símbolo nacional que tanto interesse tem para a Lusofonia.

O que importa a este Governo é arrecadar cada vez mais dinheiro, por via de novos cortes nas pensões, continuando a empobrecer cada vez mais os portugueses, já tão fragilizados e humilhados. E não há maneira de acabar com a lógica absurda de que é preciso mais austeridade, do que acabar com ela. Essa austeridade que o Papa Francisco considera um desastre.

Pedro Passos Coelho teve a audácia de dizer que governou "sempre a olhar para os mais vulneráveis" e que "durante os anos de escassez conseguiu preservar a coesão social". O que é falso, como todos os portugueses sabem.

Também, como diz e bem, António Costa, a propósito do que afirmou Passos Coelho, cito: "É extraordinário que, depois de ter falhado na gestão da dívida, no relançamento da economia, no desemprego, na devolução dos salários aos funcionários, de ter falhado em todas as promessas... venha dizer que esta é uma história com um final feliz".

Cito ainda Manuela Ferreira Leite que, com a sua inteligência e legitimidade, disse num seu comentário habitual na TVI24 "quando todo o discurso é de esperança e a única coisa que não tem solução é a Segurança Social e as pensões das pessoas, os reformados mais uma vez serão negligenciados e marginalizados".

A Senhora ministra das Finanças garantiu que caso a Coligação ganhe as eleições - o que não vai acontecer - haverá mais cortes nas pensões. Reconheçamos que tem sido uma ministra que só diz e se desdiz, como acontece com Passos Coelho e com Paulo Portas.

A IMPORTÂNCIA DA NOVA ESPANHA PARA PORTUGAL

A transformação da Espanha, após as eleições autonómicas e municipais, foi um exemplo extremamente importante para os portugueses.

Rajoy, que é de origem galega, ficou bastante mal colocado depois da importância que ganharam o PSOE, o PODEMOS e o CIUDADANOS. Aliás, pode dizer-se que a situação política em Espanha mudou e que isso não pode deixar de ter reflexos importantes em Portugal. Apesar da Catalunha, por um lado, e do País Basco por outro, nunca terem deixado de ser o que sempre foram.

O actual líder do Partido Socialista português, António Costa, teve o bom senso de se encontrar com o líder do PSOE, Pedro Sanchez, o que, tendo em conta a amizade que entre ambos se estabeleceu, transmitirá outro ritmo ao socialismo europeu.

Barack Obama, que foi dos primeiros a felicitar os gregos, também percebeu a importância dos espanhóis e, seguramente, dos portugueses. Tem estado, como se sabe, a desenvolver um relacionamento entre os Estados Unidos e Cuba, que tem vindo a manifestar-se importante para os dois lados e para o Mundo.

É fundamental que a União Europeia, onde se encontram personalidades eminentes, compreenda a situação do actual Governo português e perceba que existe agora em Portugal um movimento socialista que tem como líder um homem, António Costa, que está a trabalhar muitíssimo bem. É preciso que a União Europeia se aperceba claramente desta realidade, que sempre foi útil quando havia em cada país um representante de uma força política socialista a par de um movimento democrata-cristão. Foi isso que levou à criação de uma verdadeira União Europeia, que agora parece estar a diluir-se.

Felizmente, o Papa Francisco continua a insistir na democracia social e quer que se acabe o mais depressa possível com a austeridade, que continua a existir em Portugal. O Papa, admirável, sempre deu mais importância às pessoas do que ao dinheiro, o que destrói os princípios políticos do actual Governo português (que não durará muito tempo) e do Presidente da República, que está na mesma situação.

Quando o objectivo da economia deixa de ser a satisfação do bem comum e das necessidades humanas, pondo em plano secundário o bem estar e a felicidade das famílias, então estamos perante uma economia cuja meta é a expansão da acumulação da riqueza de 1% da população à custa dos 99% restantes. Este é o modelo social da "economia que mata", como diz o Papa Francisco. E assim se destruiu a classe média em Portugal e não só.

Num discurso ímpar no Parlamento Europeu num passado recente, o Papa Francisco teceu considerações importantíssimas que se mantêm actuais, mais do que nunca. O Papa apelou a uma democracia que assente no princípio fundamental da "força política expressiva dos Povos e que nunca se deixe subverter por interesses multinacionais não universais que a enfraquecem e transformam em sistemas uniformizadores do poder financeiro ao serviço dos mercados usurários".

Este é um apelo claro ao regresso dos valores originais fundadores da Europa. Muito importante num momento em que tem falhado a regulação económica e financeira.

UMA PRISÃO SEM CONTEÚDO

No passado dia 29 de Maio estive, pela sexta vez, na Prisão de Évora, a visitar o meu amigo José Sócrates. Fiquei muito impressionado com a sua resistência e dinamismo ao fim de seis meses de prisão sem nunca ter sido ouvido pela Justiça nem ter sido, formalmente, acusado do que quer que seja.

Ao fim de seis meses de prisão sem provas e sem qualquer fundamento que a justifique, é caso para nos interrogarmos porque é que o Juiz Carlos Alexandre e mesmo o Procurador Rosário Teixeira, o mantêm preso, uma vez que não apresentam provas para o poder acusar e, muito menos ainda, para o manter em prisão preventiva. É, também, caso para o Juiz Carlos Alexandre e o Procurador Rosário Teixeira pararem para pensar e porem termo a esta situação.

Até ao dia 9 de Junho devem ser reexaminados os pressupostos da prisão preventiva. Esse reexame, que a Lei impõe, é uma excelente oportunidade para, dentro da normalidade processual, se pôr termo a uma situação que prejudica o País no plano nacional e internacional, que perturba a

convivência democrática e constrange o lançamento e o desenvolvimento de projectos de investimento estrangeiro de que Portugal precisa urgentemente.

Lisboa, 2 de Junho de 2015